



A luta por moradia e a construção do movimento social comunitário no Bairro Mathias

Velho no Município de Canoas Rio Grande do Sul – Brasil

ODILON KIELING MACHADO*

JÚLIO RICARDO QUEVEDO DOS SANTOS**

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte da pesquisa em desenvolvimento no doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) na linha de pesquisa Fronteira, política e sociedade. O período histórico analisado é a ditadura civil-militar no Brasil e o início do processo de redemocratização do país, tendo na organização social dos pobres e excluídos o protagonismo de uma transformação social, marcado pela migração de um grande contingente populacional. A pesquisa tem por objetivo a historiar o processo de formação do movimento social comunitário no Bairro Mathias Velho no município de Canoas no estado Rio Grande do Sul entre os anos de 1975 e 1988. Esta pesquisa visa elucidar uma conquista popular com seus avanços e recuos dentro da História Social do tempo presente.

Esta experiência ocorre em uma área devoluta com finalidade de obter moradia, na região metropolitana de Porto Alegre – mais especificamente, nos arredores do município de Canoas. Neste período do final da década de 1970, o Pólo Petroquímico (próximo a Canoas) era um dos atrativos para os migrantes em busca de trabalho e renda. No final da década de 1980, com a consolidação deste processo migratório, esta área no Bairro Mathias Velho, torna-se uma referência no Rio Grande do Sul como organização popular, em um movimento comunitário habitacional. Esta referência torna-se possível com a participação da (CEBs)¹,

* DOUTORANDO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA NA LINHA DE PESQUISA FRONTEIRA POLÍTICA E SOCIEDADE. PROFESSOR DA REDE PÚBLICA ESTADUAL/RS. PROFESSOR DO CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCANO (UNIFRA).E-mail: Odilonkm@gmail.com Contato (55)96719842.

** ORIENTADOR PROFESSOR TITULAR DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. PROFESSOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. E-mail: j-quevedo@uol.com.br Contato (55)32209549.

¹Ao início dos anos 60 surgiu entre as classes populares do Brasil um novo modo de a Igreja ser: as Comunidades Eclesiais de Base. As CEBs são grupos de 20 ou mais pessoas que se reúnem uma ou duas vezes por mês na capela da roça, no sítio do pequeno agricultor, no salão da casa paroquial, no centro comunitário da vila, no barraco da favela, para refletir, nutrir e celebrar sua vida de fé. São comunidades porque as pessoas se conhecem pelo nome, partilham suas vidas e seus problemas, põem em comum seus bens e seus esforços, lutam juntos por melhorias no bairro, conquista da terra ou da moradia, uma vida melhor. São eclesiais porque o eixo

organizadas pelos próprios moradores e auxiliado no aspecto formativo por lideranças religiosas, que tornam-se aliados nesta luta, como retaguarda deste processo histórico, sob a ótica da Teologia da Libertação² com o auxílio do instrumental marxista para entender os mecanismos excludentes da sociedade capitalista.

Os cristãos que atuavam nesse núcleo, procuravam suscitar crítica e consciência sobre a estrutura social e política que os cercavam, apontando suas contradições e estimulando a transformação, por meio de sua fé religiosa. Esta nova postura da Igreja como experiência local de transformação social, econômica, política e cultural, em sintonia com as transformações estruturais da sociedade com um todo, procura construir uma alternativa concreta de mudanças.

OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A RELAÇÃO COM AS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE (CEBs)

Na década de 1970, as Comunidades Eclesiais de Base foi um instrumento importante na formação dos movimentos sociais para a História do Brasil. Formaram lideranças para pastorais sociais e para partidos políticos, juntamente com grupos políticos de esquerda que lutavam por ideais comuns. Este período histórico torna as CEBs um importante meio de fortalecimento da fé religiosa e compromisso político.

As CEBs foram uma espécie de instrumento que possibilitou um novo paradigma político e sobre isto o historiador Daniel Aarão Reis é categórico:

[...] comunidades eclesiais de base, as CEBs, que se espalhavam, dezenas de milhares, pelo país, animadas muitas pela fé militante da Teologia da Libertação, doutrina que tinha ambição de elaborar uma síntese revolucionária anticapitalista entre cristianismo e marxismo. Num crescendo, tais atitudes e idéias seriam incorporadas – e potencializadas – pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que exprimiria de modo articulado, e com repercussão nacional e internacional, críticas contundentes ao modelo econômico construído pelo regime militar, denunciando como injusto, desigual, opressivo e desumano. (REIS, 2007:507).

em torno no qual giram é a palavra de Deus, o uso da Bíblia dentro da realidade conflitiva em que vivem, a comunhão com a Igreja, da qual são células vivas. São de base porque integradas por subempregados, aposentados, jovens, lavradores, operários, donas de casa, em fim gente pobre e oprimida que forma a base da sociedade (BETTO, 1991, p.152).

² A Teologia da Libertação nasce das CEBs surgidas na América Latina a partir dos anos 60. É a reflexão da fé dos pobres, dentro de suas lutas por libertação, que produz as bases da Teologia da Libertação. Porém foi sistematizado pela primeira vez pelo teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, em 1971, em sua obra *Teologia da Libertação* (Petrópolis, Vozes). A Teologia da Libertação é um novo modo ou método de ser fazer teologia. Ou um novo olhar sobre as fontes bíblicas da revelação cristã e a tradição da Igreja. Esse modo, esse método e esse olhar têm um centro ou lugar social: os pobres (BETTO, 1991, p.172).

A metodologia das CEBs foi construída tendo por referência um movimento da Igreja Católica que teve grande repercussão no Brasil a partir do final da década de 1950: a Ação Católica, de linha francesa. Este movimento procurava dar apoio às questões sociais e políticas, fornecendo um contraponto à visão conservadora e assistencial praticada pela elite cristã. Tinha como método o Ver-Julgar-Agir, para desenvolver uma análise de conjuntura. A Ação Católica teve grupos especializados ligados aos jovens, como a Juventude Estudantil Católica (JEC), a Juventude Universitária Católica (JUC), a Juventude Operária Católica (JOC), a Juventude Independente Católica (JIC) e a Juventude Agrária Católica (JAC), que foram desativados pela Igreja no final dos anos 60.

Esse método está intimamente ligado a uma “educação libertadora”, priorizada pela Igreja na Conferência de Medellín na Colômbia em 1968, a qual ajudaria a entender os mecanismos de exploração vividos pela maioria da população assim como a tomada de consciência para uma ação transformadora. O documento da Conferência de Medellín sobre a educação libertadora tem como título “A educação libertadora como resposta às nossas necessidades”, do qual destacamos o trecho a seguir:

Nossa reflexão sobre este assunto, conduz-nos a propor uma visão da educação, de acordo com o desenvolvimento integral que propugnamos para nosso continente; chamá-la íamos “educação libertadora”, isto é, a que converte o educando em sujeito de seu próprio desenvolvimento. A educação é efetivamente o meio-chave para libertar os povos de toda a escravidão e para fazê-los ascender “de condições de vida menos humanas para condições mais humanas”, contando que o homem é o responsável e “o artífice principal de seu êxito ou de seu fracasso” (SECRETARIADO REGIONAL SUL 3 DA CNBB, 1968: 40).

Os movimentos populares, políticos e sindicais tiveram nas CEBs a força humanista para a formação e a ação de seus membros e lideranças. O aspecto religioso renovou a Igreja, o aspecto político renovou à esquerda e o aspecto cultural ajudou a diminuir os preconceitos e a libertação das injustiças. O amor aos pobres e oprimidos, contra a pobreza em prol da libertação, continua sendo a causa maior de uma prática evangélica libertadora, tendo nas CEBs núcleos de formação e a Teologia da Libertação a sistematização teórica de sua ação.

O surgimento das CEBs durante a ditadura civil-militar brasileira e o início do processo de redemocratização do país, dentro da perspectiva da Teologia da Libertação, foi uma novidade em termos de força histórica, que ao mesmo tempo questionava o regime capitalista, como procurava também se organiza na base da sociedade de forma alternativa e

coletiva. O intuito era unir a prática religiosa e social cristã com a realidade conflitiva da sociedade, aliando fé e vida, tomava consciência que na sociedade existe uma luta de classes com interesses antagônicos entre os meios de produção e a falta de acesso destes mesmos bens a maioria do povo trabalhador. Esta posição se enquadra dentro de uma visão de esquerda, com o uso do instrumental marxista para entender a sociedade capitalista buscando articular com os princípios evangélicos. Ao analisar o instrumental marxista para entender a sociedade capitalista e ao mesmo tempo encontrar formas de transformar esta mesma sociedade, a Teologia da Libertação entende que o pensamento de Marx ao longo da história produziu diferentes interpretações sobre as transformações das estruturas sociais. Em termos políticos e sociais, os oprimidos são identificados dentro da classe trabalhadora e os opressores identificados com a burguesia.

A combinação da análise estrutural com uma história cultural, entre uma ação coletiva para transformar a sociedade e ao mesmo tempo resolvendo problemas locais como moradia, luz, água e saneamento básico são importantes para buscar mais liberdade e justiça social. Nas CEBs para haver uma ação coletiva, deve ocorrer um processo formativo que procura valorizar o aspecto cultural das pessoas, especialmente o aspecto religioso, mas procura fazer uma analogia deste aspecto cultural com uma visão libertadora, onde o religioso está inserido em uma sociedade injusta. Desta forma uma determinada tradição construída no agir religioso é visto de forma diferenciada pela Teologia da Libertação, onde as injustiças sociais são causadas pelas estruturas excludentes. Esta combinação entre a análise estrutural da sociedade que oprime e que motiva a transformação social pela ação política, tendo na base social a importância de aspectos culturais, como religiosidade, vida comunitária e relações familiares, presentes nas lutas construção do movimento comunitário do bairro Mathias Velho em Canoas no Rio Grande do Sul.

De acordo com a Teoria da História, especialmente a História Social Inglesa, o historiador Edward Palmer Thompson é um pensador que ao analisar a formação da classe operária inglesa, verifica que além da estrutura política que afeta a vida dos trabalhadores, devemos considerar também o cotidiano das pessoas e suas relações culturais, como os valores comunitários, religiosos em uma realidade empírica. Os limites de uma análise histórica devem ser considerados, através de ações humanas concretas. Estas considerações podem ter analogias na proposta da Teologia da Libertação ao analisar as questões gerais do sistema capitalista e ao mesmo tempo a luta do cotidiano dos movimentos sociais e relações

culturais de base dos próprios trabalhadores como na experiência comunitária do Bairro Mathias Velho. Esta análise do pensamento de Thompson é feito por Ricardo Muller e Sidney Munhoz:

Os estudos de Thompson valorizam a importância da práxis envolvendo práticas, experiências, aspirações e valores (comunitários, religiosos, etc.) da classe trabalhadora. Para Thompson, o dissenso, os movimentos de oposição podem obter vantagens e direitos para a classe trabalhadora. [...] O pré-requisito dessa abordagem é o de que toda análise teórica deve ser aprendida na prática do “agir” humano (agency) e na medida do diálogo entre teoria e evidência, ou seja, teoria e pesquisa empírica, sem abandonar a atuação política. A análise dos sujeitos envolvidos na construção de seus próprios destinos tornou-se o principal foco dos estudos de Thompson, definindo uma relação de compromisso entre a sua própria atuação e o que ele acreditava ser um movimento histórico democrático. (MULLER, MUNHOZ, 2010: 45)

O historiador inglês Eric Hobsbawm, também pertencente a linha de pensamento da História Social Inglesa, tendo uma preocupação fundamental de analisar a história de pessoas comuns, que na maioria das vezes é desprezada por uma história tradicional baseada nos chamados heróis e feitos históricos das elites governantes. O espaço para os movimentos sociais também faz parte da historiografia deste historiador inglês. Estudos como esses tendem a valorizar a força das organizações populares e suas lutas para mudar o curso da História e ao mesmo tempo registrar ações concretas que fortalecem resistência popular. Neste sentido a organização popular e comunitária do Bairro Mathias velho a partir do final dos anos de 1970 enfatizam esta análise, como podemos perceber na reflexão de Marcos Lobato Martins:

[...] Hobsbawm preferiu mergulhar no rotineiro, sofrido e difícil mundo das camadas populares. De modo que escolheu concentrar sua investigação nas lutas miúdas, a maior parte do tempo silenciosas e invisíveis, que as “pessoas comuns” travaram nos campos, nas minas, fábricas, cidades, paróquias, botequins e escolas, na Europa e na América. Seu interesse é a história dos “vencidos”, deixados para trás na pavimentação da “estrada triunfal” da expansão capitalista e da sociedade burguesa. [...] Hobsbawm procura ver e compreender experiências de exclusão e formas determinadas de resistência, bem como as bases sociais dos movimentos que alimentaram processo de democratização das sociedades ocidentais. Ele deseja ouvir e decifrar as mensagens da resistência possível [...] a consciência cotidiana das contradições e injustiças. [...] movimentos sociais que se multiplicam e expressam a resistência do povo ao autoritarismo e a pobreza (MARTINS, 2010: 88-9).

O historiador Adriano Luiz Duarte ao analisar a lei, a justiça e o direito na ordem do sistema capitalista, à luz do pensamento do historiador E. P. Thompson, verifica que o Estado, a manipulação da mídia e políticas autoritárias em relação aos movimentos populares, aguçam

a luta de classes, sendo o conflito inevitável. A luta do movimento popular, como o movimento comunitário no Bairro Mathias Velho, fortalece a ideia que toda luta para alçar os direitos e a democracia, principalmente em relação a moradia, ocupando terras devolutas, insere-se neste pensamento, como podemos verificar:

[...] as batalhas coletivas em defesa das liberdades civis, dos direitos de cidadania e da democracia dinamizam os movimentos populares e consolidam um cenário mais amplo para a luta de classes. [...] defesa enfática dos direitos civis e sua luta continua contar com a opressão do Estado privilegiam quatro eixos centrais á políticas autoritárias e antidemocráticas: a manipulação da mídia; as ações secretas do governo, em nome dos interesses da nação; o permanente silenciamento das vozes dissonantes; e a contínua intervenção do Estado no sistema legal. A única maneira de combater essas forças contrárias á liberdades democráticas residia na reatualização de uma política vista de baixo, que articulava uma luta libertária contra a opressão do Estado tornando mais aguda a consciência de classe dos de baixo. (DUARTE, 2010:183-4)

A experiência dos trabalhadores e suas famílias, ligada a luta e a consciência contra o sistema capitalista enquanto efeitos de sua estrutura são marcantes no movimento comunitário no Bairro Mathias Velho em Canoas durante a década entre 1975 a 1988, através da conquista de uma área devoluta para moradia. Esta ação concreta com o aporte teórico metodológico das CEBs no Rio Grande do Sul torna-se referencial para os movimentos populares. Em relação a esta experiência organizada, de forma coletiva e fraterna, fugindo do empirismo ou de qualquer experiência puramente individual, enquadra-se em uma análise histórica para que o historiador possa entender esse processo. Neste sentido relata a historiadora Emília Viotti da Costa:

[...] um novo tipo de história que enfocasse os trabalhadores e estudasse “não apenas parâmetros estruturais e estatísticos, organizações nacionais e importantes movimentos grevistas, mas também a experiência cotidiana concreta dos trabalhadores nas fábricas e na comunidade, seus padrões e estilos de vida, sua cultura e sua consciência, suas divisões internas e relações com outros grupos”. (COSTA, 200:19)

A constituição das Comunidades Eclesiais de Base nasce dentro desta conjuntura, aliada as pastorais sociais na luta por terra, moradia, trabalho e dignidade aos setores sociais mais excluídos. As CEBs forneceram o tecido social para a constituição de diferentes movimentos políticos e populares, entre quais podemos destacar movimentos por habitação trabalho e renda, como ocorreu em Canoas no final da década de 70. Ao identificarmos a influência das CEBs na ação política, através dos movimentos sociais, passa a existir um processo popular de grande significância na história social do Brasil.

A LUTA PELA MORADIA E A FORMAÇÃO DO MOVIMENTO COMUNITÁRIO NO BAIRRO MATHIAS VELHO EM CANOAS

No final da década de 70 do século XX o município de Canoas no Rio Grande do Sul, torna-se um pólo atrativo para um processo migratório do campo para cidade, onde o êxodo rural é intenso, na procura de uma vida melhor. A busca de trabalho e renda é uma realidade, a proximidade com Porto Alegre e com o Pólo Petroquímico no município vizinho de Triunfo é uma alternativa. O processo de desenvolvimento industrial é a grande meta de muitos trabalhadores rurais que almejam chegar tanto na capital como em outros pólos para procurar emprego nas indústrias. Os trabalhadores rurais junto com suas famílias transferem-se para os centros urbanos, com a esperança de mudar de vida, vislumbrando novos horizontes. A possibilidade de encontrar uma vida melhor, superando as dificuldades da vida rural é uma perspectiva concreta.

O espaço urbano não oferece as condições dignas para tantos migrantes em busca de trabalho e renda. A periferia e o limite entre zona urbana e rural, é o espaço possível. Para isso é necessária uma grande luta e mobilização para ter uma vida digna, buscando muitas vezes em áreas devolutas e ociosas um local de afirmação de suas vidas. O Bairro Mathias Velho está inserido nesta análise histórica.

A ação em termos de ocupação é fruto de relações sociais construídas por sujeitos históricos em um contexto social específico, de forma conflitiva, buscando moradia e dignidade na luta para encontrar atividades produtivas através de postos de trabalho na indústria petroquímica. Os lutadores sociais cristãos, com sua visão progressista, vão morar nesta região, dando uma contribuição importante neste contexto. As CEBs em Canoas e o processo histórico de ocupação ocorrem de forma simultânea, fortalecendo uma forma comunitária e de resistência dentro de um novo contexto histórico.

Entre esses lutadores sociais cristãos podemos destacar a presença formativa, política e religiosa do Irmão Antônio Cechin, como liderança, cuja atuação é fundamental para entendermos o processo de organização coletiva de ocupação no Bairro Mathias Velho, durante o regime militar brasileiro. Irmão Antônio pertence à Congregação Marista da Igreja Católica.

A trajetória de vida deste líder religioso é marcada pela coragem e o testemunho de um cristão comprometido com as causas populares em busca de sua libertação. No final dos anos 50 e início dos anos 60 do século XX, Irmão Antônio tem um engajamento na “Ação Católica”, principalmente de linha francesa, com fortes conotações sociais, questionando os cristãos para a transformação social e política. Pilato Pereira faz um breve relato desta trajetória de vida de Antônio Cechin:

“Eu era adjunto da Ação Católica”, diz Antônio, e dei esse passo junto com os jovens com quem trabalhava. O método ver, julgar e agir, agora aplicado com o instrumental marxista”. Sempre que fala da Ação Católica, o Irmão Antônio recorda este processo fundamental de mudança, a evolução a partir do contato com o instrumental global marxista. Antônio recorda que “temos que começar analisando a realidade pelo econômico”. Depois de descobrir a situação econômica, vamos para a superestrutura que é o político, o social e o cultural. Sendo que dentro do cultural temos o religioso também. (PEREIRA, 2009: 35-6)

Os lutares sociais, tem como prática da sua concepção á favor dos pobres e oprimidos, a inserção nas periferias, fundamental para vivenciar a luta dos pobres, como também, para colocar em prática os valores de justiça e solidariedade. Além da chegada dos migrantes, as CEBs também estavam em formação, tanto no Estado com em Canoas. A união popular deu suporte para a principal referência do movimento comunitário do Rio Grande do Sul. O início deste processo foi um desafio para os ocupantes. Conforme Antônio Cechin:

“No natal de 1979, tinha havido o primeiro encontro de CEBs no Rio Grande do Sul em São Gabriel. Nós tínhamos já uma caminhada. As famílias eram de todo o interior do estado, como Camaquã e Rio Pardo, e também de Santa Catarina. Com a migração, buscavam trabalho no Pólo Petroquímico. O povo se espalhou nas ruas, nas pontas de estrada e a região se encheu de gente. Nessas famílias, de manhã, os maridos ia trabalhar no Pólo, enquanto as mulheres ficavam em casa.” (Entrevista citada)

Duas vertentes na organização popular serviam de tática para a organização, de um lado a mística religiosa cristã comum entre a população que vinha de municípios pequenos e de outro uma consciência maior da complexa realidade que os cercava. O papel da CEBs, com a metodologia herdada da Ação Católica, através do método ver, julgar e agir, que ligava o texto bíblico com a realidade da vida, foi fundamental para uma ação concreta em Canoas. As mulheres no início faziam colchões de trapos para o inverno e ao mesmo tempo criavam laços fraternos de solidariedade. Conforme Antônio Cechin:

“Estabelece-se, após leitura de um trecho da Bíblia o que diz para nós, cada um lia um pedaço mais fácil, não solto, salmos ou fatos históricos. Após, cada um falava o que tocava nossos corações e que mais impressionou, e a partir daí vamos encostar nas nossas vidas e as questões de hoje [...], tudo isso era a preparação para a ocupação de famílias que viam do interior e não tinham como construir suas casas. A gente depois de fazer os colchões de trapos, tinham organizados grupos de novenas e grupos de famílias. (Entrevista citada)

A organização dos movimentos sociais como o da moradia em Canoas, é um exemplo concreto de transformar uma realidade adversa através do próprio povo, aliado àqueles que apoiam esta causa. As CEBs estão inseridas nestas lutas, principalmente quando reivindicam os bens essenciais a vida, que são negados pela sociedade capitalista. A auto-organização foi fundamental para evitar formas políticas meramente assistencialistas, eleitoreiras e paternalistas. Conforme destaca o sociólogo Michael Löwy:

[...] pouco a pouco os debates e as atividades da comunidade se ampliam, geralmente com a ajuda do clero progressista, e ela começa a assumir tarefas sociais: lutas por habitação, eletricidade e água dentro das favelas, luta por terra no campo. Em alguns casos a experiência dessas lutas conduz a politização e à adesão de inúmeros animadores ou membros das CEBs aos partidos de classe ou às frentes revolucionárias. A experiência das CEBs tem freqüentemente levado uma nova qualidade aos movimentos sociais e políticos que elas tem irrigado: um enraizamento na vida cotidiana das camadas populares e suas preocupações humildes e concretas, um encorajamento para auto-organização de base, uma desconfiança face a manipulação política, a tagarelice eleitoral, ao paternalismo de Estado (LÖWY, 1991:46-7).

O processo comunitário consolida-se ao longo dos anos de 1980, o movimento comunitário é impulsionado pela religiosidade popular, tendo nas CEBs uma organização formativa ligando fé e vida, baseada nos princípios teóricos da Teologia da Libertação. As CEBs tornaram-se um espaço na possibilidade da construção democrática, como instrumento popular e religioso, na luta por uma vida digna a partir da população excluída dos bens essenciais da vida humana. Este processo de conscientização política se enraíza no Bairro Mathias Velho em Canoas.

Ao longo da década de 80 este processo consolida-se, o movimento comunitário é impulsionado pela religiosidade popular. As CEBs tornaram-se um espaço na possibilidade da construção democrática, como instrumento popular e religioso, na luta por uma vida digna a partir da população excluída dos bens essenciais da vida humana. Este processo de conscientização política se enraíza nos bairro Mathias Velho em Canoas.

O resultado são as várias organizações populares oriundas desse movimento comunitário de inspiração religiosa. A experiência mostrou que a organização popular tem força, na medida em que encontra meios para atingir seus objetivos organizativos e também espirituais. Entre as conquistas populares, entre os anos de 1975 e 1988, podemos destacar a Associação de Moradores, o Clube de Mães, a Horta Comunitária, a Associação Beneficente Educadora Creche Vó Maria (na Vila Santo Operário), a Cooperativa dos Mecânicos (COOPERCAR), a Associação dos Carroceiros e Catadores de Material da Vila União dos Operários (premiada pela ONU) e os Fornos Comunitários do Bairro Matias Velho.

Os fornos comunitários foi uma iniciativa que congregou várias comunidades na preparação e na partilha do pão. Entre as comunidades envolvidas podemos citar: Comunidade Nossa Senhora Aparecida, Divino Mestre, Nossa Senhora dos Romeiros, Sagrada Família, Nossa Senhora de Fátima, Jesus Operário, Perpétuo Socorro, Espírito Santo, Nossa Senhora da Luz, São José Operário e São Pio X. Cada comunidade está distribuída em dez grupos internos, com cinco senhoras cada, para elaborar o pão. A partilha do alimento abarca cerca de 70 grupos participantes, com cerca 350 senhoras e também um cerimonial religioso. A leitura bíblica de novo se faz presente na ação comunitária de fazer o pão.

As Comunidades Eclesiais de Base formam o núcleo do movimento comunitário, contribuindo essencialmente na dimensão formativa e mística. Mas são em outras estruturas da sociedade que os moradores têm seu espaço de ação política, como as associações de moradores, os sindicatos e os partidos políticos. A formação e a mística desenvolvidas pelas CEBs, no entanto, são pensadas como garantias da independência e autonomia dos movimentos populares, garantia também da participação não apenas de católicos mas de uma ampla pluralidade religiosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito interno da Igreja Católica, as CEBs, dentro de critérios de uma instituição renovada, mas evangélica e participativa, é um elemento determinante de práxis. Historicamente, dentro da ditadura militar e o processo de redemocratização do Brasil, esta luta comunitária está inserido no contexto de ação dos movimentos sociais combativos, que atuavam pelo país em um período conflitivo da vida nacional.

Em Canoas no Rio Grande do Sul, no Bairro Mathias Velho, as CEBs e sua ação política entre 1975 a 1988, dentro de uma fronteira rural e urbana em processo de ocupação, vão formando ao longo tempo um movimento social combativo. A busca por moradia trabalho e renda, evidencia que a migração neste processo histórico é traduzida em um espaço social e político de uma população que afirma novos valores culturais em termos de religiosidade e ação coletiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTO, Frei, **Catecismo popular**. São Paulo: Ática, 1991.

CECHIN, Irmão Antônio. **Irmão Antônio Cechin**: depoimento [abr. 2011]. Entrevistador: Odilon Kieling Machado. Porto Alegre, 2011. Arquivo de gravador de voz digital. Entrevista concedida para trabalho de dissertação de mestrado.

COSTA, Emília Viotti da. **Experiência versus estruturas: novas tendências na história do trabalho e da classe trabalhadora na América Latina – o que ganhamos? O que perdemos?** In: História-Unisinos. Nº Especial. São Leopoldo: ED. Da UNISINOS, 2001.

DUARTE, Adriano Luiz. Lei, justiça e Direito: *algumas sugestões de leitura da obra de E.P. Thompson*. **Revista de Sociologia e Política** 2010, v 18, n 36, jun. 2010

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LÖWY, Michael. **Marxismo e teologia da libertação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

MARTINS, Marcos Lobato, “*Eric Hobsbawm*”. In. LOPES, Marcos Antônio; MUNHOZ, Sidney J. (orgs). **Historiadores de nosso tempo**. São Paulo: Alameda, 2010, p.71-92.

MULLER, Ricardo Gaspar, MUNHOZ, Sidney j. “*Edward Palmer Thompson*”. In. LOPES, Marcos Antônio; MUNHOZ, Sidney J. (orgs). **Historiadores de nosso tempo**. São Paulo: Alameda, 2010, p.31-52.

PEREIRA, Pilato. **O irmão dos pobres: Antônio Cechin, uma biografia**. Porto Alegre: ESTEF, 2009.

REIS, Daniel Aarão. O Partido dos Trabalhadores: trajetória, metamorfoses, perspectivas. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Orgs). **Revolução e democracia: 1964**. Rio de Janeiro: Vozes e CEBRAP. 2007. vol 3.

SECRETARIADO REGIONAL SUL 3 DA CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Conclusões de Medellín: II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. Metrópole: Porto Alegre, 1968.